

# Expulso de Portugal ex-embaixador de Moçambique

Exp. 14  
15  
83

013  
Ataide

O EX-EMBAIXADOR de Moçambique em Portugal, João da Silva Ataíde — que, como então noticiámos, havia abandonado o seu posto em Lisboa —, foi antontem expulso do nosso país. João da Silva Ataíde saiu da sua residência sob custódia e foi imediatamente julgado no Tribunal de Polícia de Lisboa, que lhe deu oito dias para abandonar Portugal, esperando-se que o faça hoje mesmo, não podendo regressar legalmente no prazo de um ano.

A sentença contra o ex-embaixador baseou-se no facto de ele haver entrado irregularmente em Portugal, servindo-se de um passaporte diplomático já caducado, com o qual terá iludido a vigilância das autoridades de fronteira — disse-nos uma fonte segura.

## Comerciante em Portugal

Desconhece-se qual seria a intenção de João Silva Ataíde, que é legalmente asilado político em França, ao demorar-se em Portugal neste momento. Tudo indica, porém, que se tivesse associado a um outro moçambicano, António André Rocha, na exploração de um supermercado na Amadora.

No estabelecimento em causa, situado na Estrada da Falagueira, obtivemos a informação de que ambos eram efectivamente sócios e proprietários, embora a casa se mantenha registada na respectiva conservatória em nome do casal António Rodrigues Lima e Lídia Feiteira Lima (com um capital global de 250 contos) que formam «oficialmente» a sociedade designada por «Adega Paulista Lda.», a funcionar desde Outubro de 1978.

António André Rocha, residente na Costa de Caparica, era primeiro-secretário da Embaixada de Moçambique, em Harare (Zimbábue), de onde saiu em circunstâncias irregulares. Em Outubro do ano passado entregou às autoridades portuguesas um pedido de asilo para ele próprio, a mulher e os filhos, asilo que ainda lhe não foi concedido.

João Ataíde, sendo asilado em Paris, não tinha, obviamente, solicitado esse estatuto ao Governo de

Lisboa, que por mais de uma vez pôs em dúvida, perante o EX-PRESSO, que o antigo diplomata estivesse em Portugal. A verdade é que João Ataíde estava mesmo em Lisboa, onde até conduzia um «Peugeot 305» com a matrícula parisiense 2571 TT 75.

O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados em Portugal estava, ontem, atento ao processo que envolvia João da Silva Ataíde, mas não forneceu qualquer informação sobre o caso.

O antigo embaixador moçambicano em Lisboa — cujo afastamento voluntário viria a arrastar atitude semelhante da parte do cônsul, Francisco Vitorino Patrício, que pediu recentemente asilo político — foi aluno de uma missão católica dos Padres Brancos nos arredores da Beira e veio, mais tarde, a cursar Direito na Universidade de Eduardo Mondlane, no Maputo, antes de um estágio que seguiu na Tanzânia, por iniciativa do Governo de Moçambique, numa escola de diplomatas — onde, aliás, também esteve António André Rocha.

Colocado em Lisboa logo após o curso, João Ataíde foi primeiro-secretário durante o tempo de permanência de Armando Panguene como embaixador e manteve-se naquelas funções até ser nomeado responsável pela Embaixada, em 1981.

Uma viagem alegadamente não autorizada à Bélgica ter-lhe-ia levantado problemas, mas o embaixador fez um esclarecimento posterior e dissipou dúvidas sobre indicações de que «havia desertado». Mais tarde, mas ainda tendo como pano de fundo a preparação da viagem do primeiro-ministro português a Moçambique, João Ataíde munuiu-se de um bilhete de avião para o Maputo, via Paris e Harare. Embarcou em Lisboa — mas não passou de Paris: foi quando enviou um telex a pedir a demissão do cargo que exercia na capital portuguesa.

As autoridades moçambicanas referiram oportunamente, em relação a alguns diplomatas que abandonaram funções no estrangeiro, que havia casos de desvios de fundos em proveito pessoal.